



LIGA ACADÊMICA DE FARMÁCIA CLÍNICA (LAFarC)

Manejo de pacientes soropositivos

Para realizar uma abordagem sobre pacientes soropositivos, primeiramente deve-se saber distinguir duas definições, HIV e Aids. O Vírus da Imunodeficiência Humana ou HIV é o vírus causador da Aids, que ataca células específicas do sistema imunológico, como os linfócitos T-CD4+, que são responsáveis por defender o organismo contra doenças. Já a Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é a doença causada pelo HIV, que ataca células específicas do sistema imunológico (BRASIL, 2020). Quando a pessoa é infectada pelo HIV, ela passa a viver com ele a vida toda pois o organismo humano não é capaz de se livrar dele, entretanto, nem toda pessoa infectada pelo vírus irá desenvolver a Aids, pois isso depende de uma série de fatores como estágio de infecção, o início de um tratamento rápido ou medidas de prevenção pós exposição.

O Brasil fez parte de um acordo estabelecido em 2016 na Declaração Política da Assembleia Geral das Nações Unidas sobre o Fim da Aids, no qual os países se comprometeram a atingir as “metas 90-90-90” até o ano de 2020, que eram diagnosticar 90% das pessoas infectadas, iniciar o tratamento de 90% dos diagnosticados e suprimir a carga viral das 90% das pessoas em tratamento.

Existem inúmeros desafios relacionados à implementação de novas metodologias no mercado de testes para a realização do diagnóstico para HIV, dentre eles podemos citar a evolução tecnológica, a aprovação dos testes pelas agências reguladoras e a aceitação para seu uso em diferentes situações e instalações laboratoriais (Ministério da Saúde, 2018).

Para isso, é necessário seguir estratégias e fluxogramas a fim de melhorar a qualidade da testagem e fornecer segurança para a conclusão do diagnóstico. Segundo fluxogramas do Manual Técnico para o Diagnóstico da Infecção pelo HIV em

Adultos e Crianças do Ministério da Saúde, os testes disponíveis para realização do diagnóstico da infecção pelo HIV são imunoenaios de primeira à quarta geração, os testes rápidos (TR), testes complementares utilizando diferentes formatos e princípios, diagnóstico por detecção direta do HIV e o diagnóstico utilizando amostras de sangue seco em papel-filtro.

Em relação aos TR, são imunoenaios simples que detectam marcadores precoces de infecção, resultando em uma maior sensibilidade, os quais devem ser executados de maneira sequencial em ambientes laboratoriais e não-laboratoriais. Este tipo de teste é realizado através da coleta de amostra de sangue total obtida por punção digital ou amostra de fluido oral, com resultados em até 30 minutos (Ministério da Saúde, 2018).

O profissional responsável pela realização do teste deve ficar atento a algumas situações que podem resultar em resultados falso-positivos, ou seja, um resultado reagente em um indivíduo não infectado pelo vírus HIV. Dentre esses fatores, podemos citar pacientes que apresentam doenças autoimunes, gestantes, vacinação recente contra H1N1, hepatopatas medicamentosas e entre outros (Ministério da Saúde, 2018).

Além desses fatores, o profissional deve estar capacitado para realizar a leitura do resultado do teste realizado, determinando a presença de linha teste e linha controle para pacientes reagentes e a ausência de linha teste e presença de linha controle para pacientes não reagentes. Torna-se necessário o acompanhamento dos Protocolos e Manuais Técnicos disponibilizados pelo Ministério da Saúde para atualização rotineira dos métodos e informações necessárias para a realização do diagnóstico com segurança.

Em relação às intervenções terapêuticas do paciente soropositivo, ainda não existe cura cientificamente comprovada para a infecção por HIV, mas já existe o tratamento que é feito com o uso dos medicamentos antirretrovirais e que estão disponíveis gratuitamente pelo SUS. Atualmente, o esquema de primeira linha é feito com a combinação de três medicamentos em um mesmo comprimido (3 em 1), sendo necessário apenas um comprimido por dia, facilitando a ingestão e permitindo uma boa adesão do paciente ao tratamento (BRASIL, 2015). A terapia inicial deve sempre incluir combinações de três antirretrovirais, sendo dois ITRN/ITRNt (inibidor da transcriptase

reversa análogo de nucleosídeo/nucleotídeo), associados a uma outra classe de antirretrovirais, geralmente um inibidor de integrase (INI). Ainda assim, existem outras classes de antirretrovirais e as medidas farmacológicas têm adequações a depender da individualidade de cada paciente, estado de saúde e grupos aos quais pertencem.

A prevenção da transmissão do HIV é uma etapa importante no manejo de pessoas que vivem com HIV. A estratégia adotada atualmente é a da prevenção combinada, que reúne ações biomédicas, comportamentais e estruturais (BRASIL, 2021).

Dentre as principais ações preventivas, destacam-se a Profilaxia Pós-Exposição (PEP) e a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), que consistem na administração de medicamentos antirretrovirais (ARV) com o objetivo de combater o HIV antes que uma infecção se estabeleça. Elas diferem entre si na relação entre o momento em que houve o contato com o vírus e a administração dos medicamentos ARV.

A PEP tem duração de 28 dias e deve ser iniciada no máximo 72 horas após uma exposição de risco, sendo que, quanto antes é iniciada, melhor é sua eficácia, o que torna seu uso de caráter emergencial. Por outro lado, a PrEP é administrada diariamente com o objetivo de, caso a pessoa venha a se expor ao HIV, o vírus não consiga estabelecer infecção. Ela é indicada para pessoas que possuem alto risco potencial de infecção. Reforça-se que para o uso de ambas terapias o paciente deve estar soronegativo para o HIV.

O fomento às estratégias de prevenção ao HIV deve ser feito a todas as pessoas sexualmente ativas, independente do sexo, gênero e estado de relacionamento. A atuação do farmacêutico é de grande relevância nesse quesito, que deve manter-se atualizado sobre o manejo correto de pessoas que vivem com HIV, além de agir de forma a combater as estruturas que sustentam a vulnerabilidade das populações mais atingidas.

Autores: Athos Wellington, Beatriz Silva Souza, Marina Louzada.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. **Prevenção Combinada do HIV: Bases conceituais para profissionais, trabalhadores(as) e gestores(as) de saúde.** Brasília, Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pós Exposição (PEP) de Risco À Infecção pelo HIV, Hepatites Virais e IST.** Brasília, Ministério da Saúde, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) de Risco à Infecção pelo HIV.** Brasília, Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. **Álbum Seriado das IST: Material de apoio para profissionais da saúde.** Brasília, Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Cuidado integral às pessoas que vivem com HIV pela Atenção Básica: Manual para a equipe multiprofissional [Internet].** Brasília: Ministério da Saúde; 2015. 39 p.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais. **Manual Técnico para o Diagnóstico da Infecção pelo HIV em Adultos e Crianças.** Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

UNAIDS. Site [Internet]. Disponível em <https://unaid.org.br/2017/03/voce-sabe-o-que-e-hiv-e-o-que-e-aids/>. Acesso em 05/07/2021.